

**Uma das maiores motivações para o desenvolvimento** da metodologia da história oral, desde os anos 1970, foi a possibilidade de aceder a experiências de atores sociais cujas reflexões e memórias dificilmente eram registradas em documentos públicos – salvo pela ótica do Estado, sobretudo das instituições judiciais e policiais –, ou então era registradas em documentos de preservação aleatória, como atas de entidades e associações. Nesse campo, captar a densidade das experiências de vida de militantes e ativistas sempre esteve na mira dos pesquisadores que trabalham com a história oral. Nossa intenção, com a proposta do dossiê *Movimentos sociais e ativismos contemporâneos*, foi dar continuidade a essa tradição de registro de vivências dos participantes de ações sociais, a partir de novas abordagens de pesquisa e interpretação, e, ao mesmo tempo, abrir espaço para estudos que revelem novas experiências de militância, sobretudo aquelas que recorrem a novas estratégias, em especial as redes sociais.

A resposta à chamada para este número de *História Oral* mostrou como a temática continua presente na pauta de historiadores, cientistas sociais e educadores. Mais de trinta artigos foram submetidos e a variedade de perspectivas atendeu às expectativas da editoria. Apresentamos um dossiê composto por nove artigos bastante diversos.

Mariana Affonso Penna investe nas conexões entre a memória individual e as narrativas coletivamente compartilhadas a partir da experiência de integrantes do Movimento das Comunidades Populares, um coletivo que existe há quase cinco décadas, agregando cerca de cinquenta comunidades, e que “acredita estar erguendo as bases de um novo modo de produção e de uma nova sociedade”. Seu artigo está centrado nas dinâmicas da memória, contribuindo para uma discussão cara e sempre oportuna no campo da história oral. A militância contra a ditadura militar e a favor da verdade e da justiça, já no contexto da redemocratização do Brasil – temática que esteve na origem de importantes projetos de história oral nos últimos anos – é analisada sob duas perspectivas distintas. Carla Simone Rodeghero e Vanderlei Machado exploram as especificidades do ativismo estudantil feminino, a partir do relato de mulheres que rememoram sua juventude militante, enquanto Lívia de Barros Salgado e Victória Grabois se concentram na história do

Grupo Tortura Nunca Mais/RJ e, mais especificamente, nas tensões que marcaram a instauração da Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro. Nesse caso, emergem, além da memória da luta, dissensos contemporâneos acerca de estratégias e caminhos da justiça de transição em nosso país.

O artigo de Andréa Casa Nova Maia e Regina Helena Alves da Silva enfoca o direito à cidade e a luta por moradia em dois contextos urbanos e nacionais distintos, as cidades de Recife e Lisboa. De maneira inovadora, as autoras abordam dois movimentos sociais, respectivamente, Ocupe Estelita e Renovar a Mouraria, a partir de relatos disponíveis nas redes sociais e no YouTube, buscando destacar semelhanças e diferenças entre as duas experiências: a que buscou evitar que um complexo imobiliário, hoteleiro e comercial desalojasse comunidades faveladas da orla de Recife e, paralelamente, lutou para preservar a memória do Cais José Estelita, e a ação comunitária para a revitalização do bairro da Mouraria em Lisboa. As novas tecnologias estão na base, também, da pesquisa que originou o artigo *Midiativismo indígena: demandas de direitos em narrativas digitais*, de Maria Perpétua Domingues. Nesse caso, a luta ancestral das populações indígenas se reinventa com as novas mídias. Nos dois artigos, as narrativas que circulam no ambiente digital indicam não apenas novas linguagens, mas novas possibilidades de conexão e articulação militante para além das fronteiras nacionais. Essas propostas, de alguma forma, antecipam os debates previstos para o XIV Encontro Nacional de História Oral, cujo tema é *Testemunhar por imagens: a história oral e o registro audiovisual*.

O protagonismo feminino e a luta por moradia se combinam no artigo de Francisco Canella e Francisco José Cuberos Gallardo. Mais uma vez, a periferia de Lisboa é tema da pesquisa, agora em contraponto ao ativismo urbano que emergiu no bairro Monte Cristo, em Florianópolis. As práticas associativas de bairro estão na origem dos dois movimentos, e neles as mulheres tiveram e têm papel de destaque. São elas, também, o foco do artigo de Priscila Mayara Santos Dantas, *Cidadania em movimento: a atuação social feminina nas ONGs CENEP e CEOP na Paraíba (1990-1999)*. Nesse caso, a militância popular de inspiração religiosa, mais propriamente a vertente católica da teologia da libertação, é abordada sob a ótica de mulheres que atuam como líderes de entidades em cidades do interior da Paraíba. O fato de vários artigos deste número de *História Oral* trazerem as mulheres como protagonistas de muitas lutas não deixa de refletir o ativismo feminino que tem sido uma das marcas de nosso tempo.

Por fim, temos dois artigos que bem representam, por um lado, a militância política que tradicionalmente tem alimentado pesquisas de história oral e, por outro, novos sujeitos políticos em luta por reconhecimento e direitos. André Ricardo Valle Vasco Pereira e Celio Teixeira Alves Gusmão entrevistaram um ferroviário que atuou na base sindical quando o Partido Comunista do Brasil controlou o Sindicato dos Ferroviários da Estrada de Ferro Leopoldina, analisando as formas de apropriação do discurso político sindical pelos trabalhadores. Fechando este dossiê, o artigo de Osvaldo da Silva Vasconcelos, *Josy Kimberly – narrativas em travessia: gênero, corpo, prostituição e ativismo solitário em Belém (PA)*, nos apresenta a pungente trajetória da travesti Josy, por meio da qual se descortinam outras realidades, vozes e lutas individuais e coletivas, que chegam até nós por intermédio do persistente trabalho de história oral.

Este número apresenta ainda duas entrevistas, com duas referências no campo da história oral, um mexicano e uma brasileira. Laura Ortiz e Robson Laverdi nos trazem uma entrevista com Gerardo Necoechea Gracia, enquanto Antonio Jerfson Lins de Freitas, Cosma Silva de Araújo e Telma Bessa Sales nos apresentam a conversa que tiveram com Verena Alberti. Em ambas as narrativas, encontramos declarações de praticantes experientes da metodologia que podem nortear o aprendizado dos pesquisadores novatos ou conciliar os veteranos com suas próprias hesitações. As entrevistas também reafirmam que a história oral, afinal, na sua perspectiva crítica e pública, e de variadas formas, é ferramenta importante nas lutas de historiadores e historiadoras por uma história mais plural e atuante.

Luciana Heymann  
Regina Weber  
Editoras de *História Oral*